

Literatura e Medo Infantil:

A Produção da Criança nos Catálogos de Livros Infantis

Maria Alice Hamilton Goulart¹

Resumo

Na perspectiva dos Estudos Culturais, este trabalho discute o tema da representação da criança feita pelos catálogos de livros de literatura infantil. O texto deseja também mostrar que os discursos produzidos nos catálogos não apenas refletem uma determinada teoria do desenvolvimento infantil, mas efetivamente “geram” saberes ao representar. Considerando a produtividade dos discursos, destaca o medo infantil como categoria central da análise.

Palavras-chave: Infância. Medo infantil. Representação. Regulação.

CHILDREN'S FEAR AND LITERATURE: The Invention of Children in Catalog Books

Abstract

From the perspective of Cultural Studies, this article addresses the issue of the representation of children in children's literature catalogs. It also shows that discourses produced by those catalogs not only reflect a particular theory of children development, but also truly “generate” knowledge by representing them. Taking into consideration discourse productivity, it focuses on children's fear as a central issue for analysis.

Keywords: Childhood. Children's fear. Representation. Regulation.

¹ Mestre em Educação pela UFRGS. Professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da PUC/RS. mariaalice@puers.br

Sobre Discursos e Infâncias

Não podemos exorcizar do objeto de estudo os matizes interpretativos de observação e crítica do sujeito que estuda. Cada representação que se faz da realidade ao invés de reduzi-la e circunscrevê-la porque aprisionada a um discurso, na “verdade” a amplia. Serão tantas as realidades quantas forem suas representações. Nesse sentido, a análise cultural é um adeus às verdades únicas e às representações fiéis e definitivas. Por força das representações, a realidade se expande *ad infinitum*, sofre metamorfoses pereneamente e nos escapa cada vez que a libertamos no discurso que sobre ela construímos. Assim, a realidade não está fora do discurso como entidade que lhe é separada, anterior, exterior. A realidade é o discurso, como bem salienta Silva (1999, p. 43):

[...] o discurso não se limita a nomear coisas que já estejam “ali”; além de nomear ele cria coisas: outro tipo de coisas, é verdade. Foucault não nega aos signos sua função de designação. O que ele faz é simplesmente dizer, numa operação tipicamente [...] pós-estruturalista, que eles fazem algo mais além de designar.

Imersa nesses pensamentos sobre representação e no caráter produtivo dos discursos, problematizo as representações de criança que são feitas em catálogos de venda de livros de literatura infantil. Quero também examinar a discursividade das narrativas presentes nesses catálogos e a forma como eles compõem uma identidade para a criança, ao mesmo tempo em que a descrevem, a capturam, coordenam e regulam.

Os catálogos dizem como a criança “verdadeiramente” é. Nesse sentido, a descrevem de uma forma essencializada, natural e universal. Discutir essa posição, relativizá-la, contrapondo a esse olhar um outro mais plural, contraditório e processual, é a meta (talvez muito pretenciosa) deste texto.

Na primeira parte registro algumas observações de aspectos que têm chamado minha atenção relativa à idéia de que a infância é uma construção social e que, como tal, nela não encontramos uma natureza imutável e trans-

cedente. Na segunda parte exercito essa forma de ver a infância procurando sinalizações de como isso se dá nos catálogos quando abordam o medo na literatura infantil.

As Tecnologias Pedagógicas dos Catálogos

A criança, o adolescente e o adulto são construções históricas. Por isso não comportam as prerrogativas de universais, imanes e objetivos. O escrutínio da pessoa humana em diferentes “fases”, ao longo de sua trajetória vital, deve-se em grande parte ao contínuo desenvolvimento de estudos sobre o comportamento. Tais estudos agrupam pessoas em torno de características comuns que, conferindo-lhes uma identidade, lhes forneceriam um lugar social adequado e seguro.

Parece ser de um lugar assim que Rousseau (1995, p. 76) fala:

[...] tratai vosso aluno segundo a idade. Colocai-o antes de tudo em seu lugar e que neste o conserveis de modo que não possa sair dele. Então, antes de saber o que seja sabedoria, já porá em prática a mais importante lição dela.

Concedendo-se às diferentes faixas etárias atributos que lhes seriam próprios, estamos de fato construindo um saber e uma “verdade” sobre essas idades ou fases. Dizemos com isso também o que delas esperamos e o que é mais compatível com aquilo que a sociedade a elas pode (ou está disposta a) oferecer. Essas categorizações tornam mais visíveis os indivíduos que classificados são melhor conhecidos e, em decorrência disso, mais controláveis, acessíveis e governáveis.

Nos catálogos vemos que a segmentação das crianças em diferentes faixas etárias encontra apoio na Psicologia, na Biologia e na Pedagogia, dando a essas classificações etárias um caráter ao mesmo tempo científico e so-

fisticado. O que pretendem é definir e consolidar as linhas com as quais serão tecidos os valores, os comportamentos, as atitudes e sentimentos que formam as diferentes faixas etárias.

Em alguns catálogos² encontramos epígrafes de renomadas autoridades no campo educacional e literário como Jean Piaget, Paulo Freire, Mário Quintana e Arnold Bertrand, dando início à apresentação de coleções. Parece-nos que tal iniciativa prende-se ao desejo de conferir às obras ali elencadas a autoridade e a legitimidade que esses(as) autores(as) desfrutam e o controle que detêm sobre seu campo de conhecimento, ao mesmo tempo em que prescreve a conduta profissional a ser seguida, como lemos em “o papel do mestre deve ser aquele de iniciar a pesquisa, de fazer tomar consciência dos problemas e não de ditar a verdade” (Catálogo Moderna, 1997). Ou ainda, destacado de Paulo Freire, apud Catálogo Moderna, 1997:

Para que uma educação seja válida, toda ação educativa deverá necessariamente ser precedida de uma reflexão sobre o homem, e uma análise profunda do meio da vida concreta daquele que se quer educar [...]

A epígrafe que cita Piaget encabeça uma coleção de obras indicadas para o estudo da Ética e a de Paulo Freire para o estudo da Pluralidade Cultural, que são dois dos seis Temas Transversais³ indicados pelo MEC nos documentos relativos aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), visando a promover “o aprendizado de atitudes e valores essenciais ao convívio social” como enfaticamente afirma a professora Neide Nogueira, especialista do MEC (Catálogo Moderna, 1997), que coordenou a elaboração dessa “proposta” curricular.⁴

² Ver especialmente o catálogo Apoio Didático da Editora Moderna, II semestre de 1997.

³ Os demais Temas Transversais são: Orientação Sexual, Ambiente, Saúde e Educação para a Saúde e Estudos Econômicos.

⁴ Sobre os PCNs há instigante trabalho de Alfredo Veiga Neto: Parâmetros curriculares nacionais: uma crítica externa de 1997. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/alfredo>>. Acesso em: 21 dez. 1999. Ver também a revista *Educação e Realidade*, v. 21, n. 1, cujo tema em destaque é Currículo e Política de Identidade. jan./jun., 1996.

Seduzindo e Fabricando Crianças e Professores/as

Assim como no caso das epígrafes, os editores buscam qualificar as ilustrações pelas credenciais de seus criadores e, desse modo, a reputação do ilustrador é transferida ao material ilustrado:

[...] ilustrações elaboradas por conceituados artistas, brasileiros e estrangeiros, são a garantia de um bom ingresso no mundo da literatura;

[...] ilustrações incluídas no catálogo Who's Who da Feira de Livros Infantis de Bolonha, em 1993;

[...] o ilustrador Eliardo França ganhou o prêmio Bienal Noroeste de Literatura Infantil e Juvenil, em 1984;

[...] por seu trabalho nesta coleção, Michele recebeu o prêmio APCA/88 de melhor ilustrador (Catálogo Ática, s/d, substitui os Infantis da Ática 95).

Para a produção e comércio de mercadorias industrializadas é fundamental conhecer as expectativas do/da consumidor/a bem como fazer exatas previsões sobre hábitos e valores daqueles que pertencem à fatia de mercado a qual se destina tal mercadoria. Nesse sentido, encontramos nos catálogos questionários para docentes responderem – em troca de brindes (geralmente um livro de livre escolha) – que são um rastreamento quase completo sobre quem é o/a professor/a, como trabalha, quais são seus principais hábitos de lazer e consumo, bem como suas preferências de leitura.

Os editores traçam um contorno do que é relevante para os/as professoras/as e não hesitam em dar receitas. Como se lê em um dos objetivos da literatura para 1ª a 4ª série, os catálogos desejam “colocar à disposição do professor a mais ampla oferta dos melhores livros de literatura infantil” (Catálogo Moderna, 1997), e para isso não economizam na produção dos catálogos que oferecem uma festa visual: são coloridos, belamente diagramados e feitos em papel de alta gramatura.

De longa vivência em atividades de coordenação pedagógica em escolas públicas e particulares, observei que nem sempre o ato de incluir determinado livro na lista dos “recomendados” para esta ou aquela série é precedi-

do de consultas e pesquisas realizadas em bibliotecas, como é de se esperar, acerca das preferências de seus/suas usuários/as sobre gêneros literários ou autores ou crítica de leitores. A fonte que, geralmente, serve de base para a escolha dos livros parece ser simplesmente os catálogos das editoras que, talvez por isso mesmo, se especializaram em apresentar os livros como mercadorias atraentes e cobiçáveis. Os catálogos divulgam muito mais do que os títulos; produzem uma marca, uma *griffe*, definem um estilo para o produto que desejam vender. No caso dos livros, as informações dizem da sua função pedagógica, dos valores que defendem e querem ver transitando nos seus leitores, digo, seus consumidores. Listam objetivos do ensino da literatura nas diferentes séries, sugerem procedimentos para tal ensino oferecendo: “uma maneira inovadora de aprender; um jeito muito mais divertido de ensinar; histórias engraçadas, que ajudam a professora desde o início da alfabetização” (Catálogo Ática, s/d, substitui os Infantis Ática 95), na tentativa de definir, assim, o que é e o que não é válido para o currículo. Vemos isso, por exemplo, num catálogo que diz:

Literatura tratada (aqui) como arte:

textos simples e inteligentes, sempre centrados sob o ponto de vista do universo infantil, apresentam ao pequeno leitor caminhos para o seu entendimento do mundo.

[...] há inúmeras sugestões de trabalho ligadas aos conteúdos das diferentes disciplinas que vêm facilitar e enriquecer o trabalho do professor (Catálogo Moderna, 1997). (grifo meu).

Há, na dimensão mercadológica do livro infantil, uma representação de criança que se repete em resenhas, capas e “orelhas”. Os catálogos “sabem” como é a criança, e elas são representadas sempre da mesma forma, qualquer que seja o horizonte social, de gênero e de classe em que estejam inscritas.

Produzindo Verdades Sobre Crianças

Sobre crianças e infância os catálogos se autoproclamam especializados e, categoricamente, vêm fazendo afirmações de “dar inveja” a estudiosos/as e pesquisadores/as que seriamente investem muitos anos de seu trabalho na tentativa de melhor conhecer e compreender a criança em sua complexidade e diversidade. Sabem o que lhes causa admiração, o que são capazes de descobrir em cada idade, as palavras que mais usam, qual o seu universo existencial, de que mais gostam ou o que as faz rir até os conflitos que vivem – tanto os “naturais” e permitidos quanto aqueles “que têm origem em fantasias que não são boas”:

Na infância tudo causa admiração!

Os dinossauros fascinam crianças e adultos [...] (Catálogo Modema, 1997).

Em época de descobertas [...] a coleção foi criada para crianças entre 1 e 6 anos de idade, fase em que estão em plena descoberta do mundo.

Sempre com palavras do universo da criança, são histórias curtinhas, contadas com poesia e graça.

A coleção [...] mexe com o universo existencial da criança. São páginas belas e esclarecedoras, onde quem ganha é sempre a criança.

Crianças também passam por momento difíceis, em que, antes de mais nada, necessitam da ajuda delicada, mas firme, dos adultos.

São vários autores escrevendo sobre a criança, da maneira que ela mais gosta: com bastante humor e fantasia. Aventuras divertidas falam de pequenos conflitos, medos, desejos e outras situações comuns no mundo infantil [...] com muito carinho (Catálogo Ática, s/d).

Observando os temas dos livros, vemos que os “pequenos” conflitos são aqueles que se referem: ao choro de meninos (estes aprenderão pela leitura que chorar não é “coisa de mulher”); a tomar conta de irmão menor; ter medo do escuro; herdar as roupas do irmão mais velho; sofrer a ausência do Papai Noel num determinado Natal; ser ganancioso; sentir angústias ante os seus próprios desejos; ter medo da liberdade; falta de dinheiro; desejo de ter um irmão; vergonha de sentir medo; diferenças de educação entre gêneros; solidão; timidez; os porquês do mundo.

Declarações avaliativas são um recurso de que se utilizam os catálogos para aumentar a carga de veracidade dos textos e conseguir a persuasão. Nos exemplos anteriores o que fica bem delineado é a construção de uma criança a quem se destinam os livros: crianças que vivem sua infância sob a proteção “delicada” e “firme” de adultos, crianças que são sensíveis, inteligentes “[...] a poesia para agradá-las precisa respeitar sua sensibilidade e inteligência”, apreciadoras do bem, do belo e do verdadeiro (Catálogo Ática, 2000). São crianças de carne e osso que expressam admiração perante o mundo, ficam fascinadas com animais extintos, deleitam-se com a poesia quando apresentada com graça, necessitam de humor, fantasia e aventuras divertidas para crescerem felizes e até vivem conflitos existenciais, porém pequenos, e são atormentadas por “fantasias nem sempre boas” (Catálogo Ática, 2000).

Transformando a Literatura em Auto-ajuda

Ao falar sobre as crianças, os catálogos parecem entabular uma conversa informal com os/as leitores/as, e ao abordar as situações difíceis pelas quais as crianças passam, as editoras contextualizam uma situação ou um problema e indicam que a solução está na leitura de uma determinada obra, e fazem uma fantástica promessa ao oferecer “um texto que tranqüiliza a criança em relação às suas fantasias.”

Fica para o leitor ou leitora a forte impressão de que o que os catálogos vendem são livros de auto-ajuda e não de literatura infantil. A estrutura textual básica encontrada nos catálogos é a do tipo problema/solução, como podemos registrar a seguir:

a) para uma criança que não gosta de ler, a solução está em:

[...] histórias variadas que desenvolvem no pequeno leitor o prazer da leitura; ou nas ilustrações que estimulam e enriquecem o ato de ler; ou ainda nas leituras gostosas que vão alimentar a imaginação das crianças. São promessas de situações mágicas, humor, texto poético, graça e delicadeza, muito encanto (Catálogo Ática, s/d).

Tudo minuciosamente concebido para mobilizar o gosto pela leitura, para da criança extrair (ou impor) o tão pretendido prazer de ler.

- b) Se a dificuldade encontrada for uma criança que precisa se modificar e modificar o mundo, os livros infantis contribuirão para transformar a forma de ser, sentir e agir de tantos quantos lerem as obras sugeridas na certeza de que “o livro aponta o caminho [...] e desperta a curiosidade do leitor para novas informações no sentido de tornar-se um cidadão que respeita os seres vivos e luta em defesa do ambiente” (Catálogo Ática, s/d).
- c) Para o desafio de ensinar crianças a se comportarem como irmãos do universo, os catálogos oferecem uma “coleção que desperta a consciência ecológica nas crianças; é a ecologia revelada com conhecimento e arte, e tudo assegurado pelo uso de uma linguagem familiar que cria um clima afetoso e envolvente” (Catálogo Ática, s/d). Desde que seja para resolver problemas, a literatura é recomendada como capaz de revelar, criar, envolver, etc. Dar, enfim, sentido e forma às identidades em construção.
- d) Se o problema for o desejo de educar, refinar o gosto estético dos infantis, “os livros vão proporcionar um primeiro contato inesquecível com a poesia” (Catálogo Ática, s/d).
- e) Para todos os que já perderam a tranqüilidade na abordagem dos problemas gerados na relação adulto/criança, “os livros propõem recursos para lidar com alguns problemas com serenidade e confiança. [...] Eles podem promover uma troca carinhosa entre adultos e crianças [...]” (Catálogo Ática, s/d).

Os livros de literatura infantil nos catálogos são oferecidos como se fossem efetivamente manuais de auto-ajuda, e, como estes, não economizam promessas nem se inibem em prescrever a todos o jeito “verdadeiro”, seguro e eficaz de resolver problemas de qualquer ordem. Os catálogos são, assim, um amplo território de subjetivação. Eles buscam a uniformidade das crianças e nesse processo excluem umas, normalizam e homogeneizam a todas e incrementam práticas divisórias ao classificá-las.

Quero deixar claro que rever as evidências que fundamentam os discursos dos catálogos sobre a criança escolarizada não significa, como bem salienta Marshall (1994, p. 32) a respeito da educação de inspiração humanista e liberal, “ridicularizar, suplantar ou tornar falsas outras abordagens dessas noções, mas mostrar outro aspecto, ou, uma outra máscara da realidade”.

Em igual sentido coloco as discussões que são propostas neste texto, pois elas não buscam fornecer uma visão total ou completa sobre crianças ou infância, até porque isso seria uma impossibilidade em si mesma, mas querem dizer sim que podemos tentar ver com outros olhos as “verdades” tão dogmaticamente estabelecidas pela Modernidade com seus princípios Iluministas. Quero chamar a atenção também para o fato de que as relações de poder presentes e vividas nas práticas pedagógicas podem ser subjugadoras e dominadoras até quando se intitulam libertadoras ou emancipatórias. Marshall (1994, p. 32) explica: “ao perseguir objetivos educacionais liberais, colocamos em funcionamento o que ele [Foucault] chama de poder-saber, biopoder, ou poder moderno, que é uma forma de poder dirigida à governamentalidade e a formas de dominação política”. Assim, os processos educativos estariam mais próximos de formar/conformar/constituir pessoas mais governáveis do que livres.

O medo que subjetiva

*Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega esse menino
Que tem medo de careta.*

Desejo aqui aproximar algumas idéias de Larrosa (1994, p. 37) das experiências pedagógicas propostas nos catálogos para que se possa pensar a Pedagogia de outras formas, e não pensá-la como processo mediador que organiza recursos com o fim de “desenvolver” os alunos, mas aceitá-la em seu caráter produtivo que, por suas teorias e práticas, “constrói e modifica a experiência que os indivíduos têm de si mesmos”.

Vale lembrar que esse não é um processo que deixa intocados aqueles que o orientam. Também os/as docentes, enquanto ativadores da mediação pedagógica da experiência de si, são igualmente fabricados, subjetivados no interior desse mesmo processo. Nessa operação constitutiva, a pedagogia produz pessoas e suas práticas estão centradas na transformação do tipo de relação que o sujeito tem para consigo mesmo. Exemplo disso pode ser observado no uso de um vocabulário pedagógico destacado por Larrosa (1994, p. 38):

[...] “autoconhecimento”, “auto-estima”, “autocontrole”, “autoconfiança”, “autonomia”, “auto-regulação” e “autodisciplina”. Essas formas de relação do sujeito consigo mesmo podem ser expressadas quase sempre em termos de ação, com um verbo reflexivo: conhecer-se, estimar-se, controlar-se, impor-se normas, regular-se, disciplinar-se, etc.

O ser humano é envolvido por narrativas de medo desde o colo materno e também o medo se faz presente na produção cultural para as crianças – das canções de ninar aos livros de literatura; dos filmes de desenho aos jogos de videogame. Em todos estes artefatos é possível encontrar o medo como elemento constitutivo do psiquismo infantil que precisa ser eliminado. Nos catálogos não é diferente. Eles tratam a questão do medo infantil como um mal que requer cura rápida, imediata. Prometem sempre, por meio da leitura dos livros, a eficaz, instantânea e radical supressão das manifestações de medo:

Esta coleção reconstitui os contos, parte de nosso patrimônio cultural, tais como foram transmitidos ao longo do tempo pela tradição oral. Eles reencntram na versão original sua função essencial: exorcizar medos e angústias (Adote Scipione, 2000, p. 31).

Os catálogos expõem que há medos que são comuns a todas as crianças para, logo a seguir, universalizar as fontes originárias do medo infantil e as técnicas a serem usadas para debelar esse mal. Impregnam as alternativas para superá-lo com um forte toque de magia. Assim, os catálogos estariam propondo uma homogeneização dos sentimentos humanos e operando como um

mecanismo que manufatura verdades, fazendo com que a criança seja o que dela dizem. Insistem na idéia de que a criança deverá apoderar-se de si, ser dona de si mesma e, pelo domínio “consciente” de mecanismos de autopossessão, deverá atingir um estado tal de equilíbrio que não deixe lugar para o medo ou “fantasias ruins”.

A menina da garrafa verde, livro indicado a partir da 1ª série, aborda as angústias de uma menina frente a seus próprios desejos. Um texto que tranqüiliza a criança em relação às suas fantasias ruins (Catálogo Ática, 2000, p. 84).

As táticas de cura oferecem dois caminhos complementares entre si: a) transformar-se pela substituição de sentimentos fantasiosos por outros mais “realistas” e b) aceitar o texto literário como terapêutico. O que me parece surpreendente nessa dinâmica é que se reivindique exatamente para o campo da literatura a supressão da imaginação e se lhe conceda um *status* inferior em relação ao pensamento do tipo dito “realista”, pois aquele deverá ser substituído por este como condição *sine qua non* de cura. São as práticas pedagógicas que vão garantir a efetivação dessa substituição:

Este livro procura mostrar que esse mundo assustador [medo de fantasma] está na imaginação e, portanto, pode ser controlado pela própria criança. [...]

A relação entre “o que parece” (fantasia) e “o que realmente é” (realidade) pode ajudar a desmistificar alguns medos dos alunos. [...]

Na série Pique, aventuras divertidas falam de conflitos, medos, desejos... E estimulam a criança a se posicionar diante dos dilemas colocado pela vida (Catálogo Ática, 2000, p. 36).

Desde a mais tenra idade, todas as crianças sentem medo, de perigos imaginários ou reais. As histórias da coleção Quem tem Medo procuram elaborar esse sentimento, fazendo com que a criança transfira toda a sua imaginação criativa para a simplicidade das situações em si. Com bom humor, tanto no texto como nas ilustrações, cada título busca ajudar a criança a enfrentar seus temores, aprendendo a rir deles (Adote Scipione, 2000, p. 20).

Os medos que as crianças sentem – de bruxa, de extraterrestre, de dentista, lobo ou dragão – são utilizados pelos adultos para delas obter uma infinidade de comportamentos socialmente desejáveis. Operam como tecnologia que dociliza ao pairarem ameaçadoramente sobre os infantis que, não tendo acesso à literatura ou a ela não se submetendo, ficam desprotegidos de seu caráter redentor. Assim sendo, a literatura é capaz de dotar o leitor de coragem, estrutura emocional inatacável, determinação para vencer, discernimento para reconhecer e separar sentimentos “negativos” de sentimentos “construtivos”.

Entre os medos que habitam o psiquismo infantil, encontramos o medo de escuro capitaneando um time que passa por seres fantásticos, como monstros e fantasmas, e chega ao sentimento de rejeição e abandono parental, sem esquecer aqueles elementos que são ou estão na própria natureza, como o mar e as tempestades. A máxima capitalista, segundo a qual “tempo é dinheiro”, perpassa as propostas alternativas de cura do medo. Expressões que indicam pressa ou gasto mínimo de tempo invadem argumentos e assim criam/reforçam um tipo de economia dos sentimentos para poder administrá-los:

Qual a criança que não tem medo ou insegurança diante de alguma situação comum de seu cotidiano? Escrita em conjunto com Ruth Rocha e pela psicóloga Dora Lorch, esta coleção coloca a criança frente a frente com suas dificuldades. O texto é curto, fácil e gostoso de ler; casando-se perfeitamente com as delicadas ilustrações de Walter Ono. Com objetividade, a Coleção Os Medos Que Eu Tenho transporta a criança às questões que a angustiam para logo em seguida, esclarecê-las, dando resposta de alívio para sua tensão (Catálogo Ática, 1999, p. 21).

Mesmo não havendo nada de concreto, o medo de rejeição e abandono é constante na criança. No livro, ela vê as situações que a afligem com sua imediata solução.

Este livro procura trabalhar os freqüentes medos que surgem na criança quando os pais se ausentam, quando brigam com ela, quando brincam com outra criança. Nas páginas ímpares ela se vê diante da situação que a angustia, enquanto nas páginas pares se depara com a solução e alívio para a sua tensão, reassegurando, assim, o seu lugar no mundo (Catálogo Ática, 2000, p. 36).

Com história interativa, este livro faz o monstro e o escuro desaparecerem num piscar de olhos ajudando a criança a lidar com os medos noturnos e a dormir bem (Catálogo Ática, 2000, p. 17). (grifos meus).

Nos catálogos não encontrei a positividade do medo. Sabemos que muitos dos “avanços” da civilização devem tributos ao medo. A própria civilização é, de certa forma, fruto do medo da desordem; as religiões, do medo de perder a alma, da condenação eterna; a ciência, do medo do desconhecido, do inexplicável. O medo nos mantém vivos, seu excesso é que pode atrapalhar.

Aquilo que é dito nos catálogos sobre esse sujeito individual que é a criança, deixa transparecer a presença marcante de um regime de verdade que, como tal, silencia outras verdades, outros discursos possíveis sobre esse mesmo objeto e que, pela insistência de sua repetição, pelo lugar privilegiado que ocupa, acaba por tornar-se hegemônico e mais verdadeiro do que outros. Pode-se examinar aqui, também, relações de poder que se expressam nas recomendações para os leitores e as leitoras, nas resenhas de cada livro, de alternativas de cura que oferecem a um medo que é sempre nefasto e prejudicial. Esse regime de verdade constituído por relações de poder acaba por subjetivar os/as docentes, por definir-lhes uma conduta relativamente às manifestações de medo das crianças e por arquitetar a construção de um tipo de saber especializado em fobias humanas e “natureza” infantil.

Aqui, mais uma vez, Larrosa (1994, p. 40) me ajuda a destacar o papel constituidor dos sujeitos que discursos e práticas fabricam. “É aí, na articulação complexa de discursos e práticas (pedagógicos e/ou terapêuticos, entre outros), que ele [o sujeito individual] se constitui no que é”. Encontro nos catálogos forte ressonância daquilo que, estudando Foucault, conhecemos como anatomia política que é a compreensão do poder dissociado de um centro. Mais descritiva do que explicativa, a anatomia política nos dá a idéia do poder como exercício e não como essência. Ao lhe retirar a grande identificação com o Estado e seus aparatos, o pulveriza, o dissemina, o faz contaminador de todas as relações humanas. Não mais superestrutura, efeito ou produ-

to, mas micropoderes e produção. Não mais interdição, repressão ou constrangimento, mas eficácia produtiva, pois o caráter produtor do poder reside, exatamente, nos efeitos de poder que seu próprio exercício cria.

Como uma instituição disciplinar com suas táticas e estratégias, a discursividade dos catálogos, minuciosamente pedagogizada, plasma nos saberes que constrói sobre crianças as ênfases de uma tecnologia principal que é o domínio de si. Assim, os adultos, no caso as professoras e professores, são orientados a desenvolver certa capacidade de extrair da criança aquilo que dela desejam, pacientemente, pastoralmente, sem usar medidas coercitivas ou castigos físicos. A educabilidade de cada criança é o que lubrifica as engrenagens de um sistema produtor de saberes e práticas que têm, nas relações desiguais de poder entre a criança e seus professores, a garantia de legitimidade e de eficácia, e na produção ou transformação que as crianças operam em si mesmas a lógica mais contundente.

Pensar o medo sob a ótica dos catálogos nas obras literárias significa usá-lo como estratégia indispensável de um complexo processo de fabricação de sujeitos, pois o medo é apontado como capaz de regular comportamentos, definir verdades sobre o sujeito e sua própria interioridade, determinar como a criança pode e deve ser concebida ao mesmo tempo em que a leva a se observar, se decifrar, se descrever, se julgar, se dominar. Compreende-se, assim, a produtividade das relações de poder contidas nos discursos dos catálogos sobre a natureza infantil. Como outros discursos, os dos catálogos decifram o mundo, disseminam conhecimentos numa dada direção, impondo uma ordem de significados sobre o agir docente, a finalidade da Pedagogia, o sentido da educação, o utilitarismo da literatura.

A criança catalogada não é somente um sujeito que conhece, mas objeto de conhecimento no qual professores, pedagogos e editores plasmam as verdades sobre os infantis ou neles provocam ações. Produção de saber e exercício de poder, entendido como a capacidade de “estruturar o campo possível da ação dos outros” ou governar (Foucault, 1999) são sistematicamente concretizados na linguagem dos catálogos.

Referências

ADOTE Scipione. São Paulo: Scipione, 2000.

APOIO Didático da Editora Moderna. II semestre de 1997. São Paulo: Moderna, 1997.

CATÁLOGO Ática. São Paulo: Ática, 1999.

_____. São Paulo: Ática, 2000.

_____. São Paulo: Ática, s/d.

CÁTOLOGO Modema. São Paulo: Moderna, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MARSHALL, James. Governamentalidade e educação liberal. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Recebido em: 26/6/07

Aceito em: 12/7/08